

Eixo Temático: Processos do ensino e da aprendizagem.

Categoria: Relato de Experiência.

CONVERSANDO SOBRE SEXUALIDADE: EXERCITANDO NOVOS ESPAÇOS DE DIÁLOGO NA ESCOLA

Ariane Noeremberg Guimarães; Cleverson Luiz Rachadel
Instituto Federal de Santa Catarina
Agência Financiadora: não contou com financiamento

RESUMO

Este trabalho consiste no relato e na discussão de encontros sobre o tema “sexualidade” realizados com estudantes de 17 e 18 anos (em sua maioria) do Instituto Federal de Santa Catarina de São Miguel do Oeste. O objetivo principal dessa atividade foi criar um espaço de diálogo e reflexão a respeito da temática, de modo que os estudantes pudessem se sentir à vontade para conversar sobre o assunto, além de contribuir para a sua educação integral. Foram cinco encontros, com duração média de uma hora, sendo o primeiro elaborado a partir de tópicos considerados importantes pela profissional que realizou a atividade para a faixa de idade dos estudantes. Ao final do primeiro encontro, foram recolhidos tópicos que os estudantes gostariam que fossem trabalhados e, assim, os demais encontros foram preparados conforme os assuntos elencados pelo público-alvo. Os adolescentes foram bastante participativos e a aprovação sobre os encontros foi unânime. O espaço criado contribuiu para que eles tirassem suas dúvidas e tratassem o tema com maior naturalidade, refletindo e reduzindo preconceitos. Destacou-se a importância de trabalhar a temática da sexualidade de forma contínua, o que dificilmente acontece no ambiente escolar, devido em parte ao despreparo dos profissionais da Educação em relação ao assunto.

Palavras-chave: Sexualidade. Adolescência. Escola.

INTRODUÇÃO

O Instituto Federal de Santa Catarina, campus São Miguel do Oeste (IFSC – SMO), oferece à comunidade cursos de diversas modalidades, sendo uma delas o curso técnico integrado ao ensino médio. Os estudantes dessa modalidade, em sua maioria, entram no IFSC com 13 ou 14 anos e concluem o curso com 17 ou 18 anos. A Organização Mundial da Saúde (OMS) divide a adolescência em pré-adolescência – período que se inicia aos 10 anos e termina aos 14 anos) – e adolescência propriamente dita – período entre os 15 e os 19 anos (ADOLESCENCIA, [s.d.]). Portanto, pode-se considerar que os estudantes do IFSC matriculados em um curso técnico integrado ao ensino médio são todos adolescentes.

A adolescência é uma fase do desenvolvimento humano que se caracteriza por muitas mudanças na vida do jovem e daqueles que o cercam. Os adolescentes, que já não são mais crianças, mas também ainda não são adultos, vivem, assim como seus familiares, um sentimento denominado por Berthoud (2007) de turbulência. O jovem passa a buscar sua autonomia, distanciando-se e questionando os valores familiares, provocando a sensação de insegurança nos pais, que parecem não reconhecer mais seu filho e, eventualmente, não sabem lidar com esta situação.

O caminho para que essa turbulência diminua é dar abertura ao adolescente para que ele possa, aos poucos, ir conquistando sua independência. Um contexto de confiança precisa ser criado e o diálogo é fundamental nesta trilha. No entanto, tão difícil quanto os pais darem abertura aos filhos neste momento, é os filhos darem esta mesma abertura aos pais, já que os adolescentes sentem a necessidade de estarem mais próximos dos amigos do que de seus familiares. Nesse sentido, a dificuldade de dialogar é duplicada, e o sentimento de turbulência transpassa o círculo familiar, chegando à escola.

Diariamente, o jovem passa quatro horas na escola, onde se encontra com muitos amigos e cultiva relações importantes com os professores, que acompanham de perto o aprendizado e o desenvolvimento dos estudantes. A escola é um dos ambientes que o adolescente se sente mais à vontade para conversar sobre os mais diversos temas, buscar respostas para os seus questionamentos e entender as mudanças pelas quais vem passando.

Uma das temáticas que os adolescentes mais trazem para a escola é a sexualidade: “ela faz parte das conversas, das piadas, dos grafites nas portas do banheiro, dos namoros, das falas dos professores” (SUPLICY, 1993, p. 31). Nesse contexto, um professor do IFSC – SMO trouxe ao serviço de Psicologia do campus a demanda de alguns estudantes sobre sexualidade. Discorrendo sobre o assunto com outros professores, a psicóloga da instituição observou que muitos estudantes já haviam apresentado a vontade de conversar, na escola, sobre questões relacionadas à sexualidade, mas não encontraram espaço para tal.

Dessa forma, para atender à demanda daqueles jovens, pensou-se em realizar uma atividade coletiva com os seguintes objetivos: criar, no ambiente escolar, um espaço para que os adolescentes pudessem falar sobre sexualidade; pensar e repensar tópicos relacionados à sexualidade; colaborar para a educação integral dos estudantes.

Como o IFSC – SMO ainda não havia trabalhado com a temática da sexualidade de forma contínua com os estudantes, a não ser por meio de palestras isoladas, optou-se por realizar a atividade com apenas uma turma primeiramente, para avaliar os resultados, a metodologia e então analisar como se daria seguimento no assunto e o desenvolvimento de uma proposta mais consistente. Foi escolhida a turma que estava mais próxima de concluir seu curso, que contava com 27 alunos, sendo 17 do sexo feminino e 10 do sexo masculino. A idade dos estudantes variou entre 16 e 19 anos: um estudante tinha 16 anos, 14 tinham 17 anos, 11 tinham 18 anos e um tinha 19 anos.

O primeiro encontro com a turma foi elaborado a partir de tópicos considerados importantes pela psicóloga para a faixa etária dos estudantes. Ao final da atividade, foram recolhidos temas que os estudantes gostariam que fossem trabalhados e, assim, os demais encontros foram preparados conforme os assuntos elencados pelo público-alvo. Desde o

início, a turma foi informada de que a avaliação sobre a atividade seria importante para os próximos trabalhos com outras turmas. Assim, ao final de cada encontro, pedia-se o *feedback* dos estudantes sobre o trabalho que estava sendo realizado.

DESENVOLVIMENTO

Entende-se sexualidade como uma dimensão humana, construída pelo sujeito, a partir de sua história e cultura e não apenas como a dimensão biológica. Conforme a Organização Mundial da Saúde, sexualidade também é amor, contato, intimidade, que se expressam no modo de sentir de cada um, construindo pensamentos, ações e sentimentos que integram a saúde física e mental (PERES et al., 2000; *apud* FIGUEIRÓ, 2009a).

Suplicy (1984) lembra que os valores sociais, em especial aqueles que envolvem a sexualidade, se modificavam lentamente, de maneira que novos valores eram construídos aos poucos para atender as mudanças sociais. Com o advento dos meios de comunicação em massa, as convenções sociais passaram a mudar rapidamente, a cada geração. Assim, mesmo atualmente, em uma mesma família, não há conformidade acerca dos valores sexuais. Essa é a realidade de uma época de transição, que deixa pais, filhos e educadores com muitas dúvidas sobre esse tema, principalmente quando se trata de orientar as crianças e os jovens.

A orientação sobre a sexualidade na fase da adolescência é fundamental, visto que esse é um período de desenvolvimento emocional dos indivíduos. As transformações no corpo ansiosamente esperadas e a aceitação em grupos de amigos são características dessa etapa. A forma como cada um entra em contato com as emoções dessa fase facilita, ou não, a construção de vínculos sociais e afetivos, essenciais para uma vida sexual sadia (COSTA, 1997).

Na contemporaneidade, o homem procura conhecer e compreender tudo o que envolve seu desenvolvimento como indivíduo a partir de um referencial científico, incluindo a sua sexualidade. É de extrema importância que esse conhecimento aconteça em um espaço dialógico, que permita a discussão e a análise de situações cotidianas além do senso comum. Nesse sentido, a inserção da Orientação Sexual como um tema transversal a ser trabalhado na escola foi uma grande conquista (OLIVEIRA, 2009).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) subsidiam consistentemente o tema transversal Orientação Sexual quando aplicado ao Ensino Fundamental, o que não ocorre no modelo que baliza a abordagem para o Ensino Médio. Por essa razão, a proposta do presente projeto encontra significativos paralelos com as recomendações e estratégias do tema transversal, particularmente quanto ao trabalho de orientação sexual com espaço específico (BRASIL, 1997).

No entanto, Costa (1997) destaca que a sexualidade é um assunto trabalhado na maioria das escolas apenas pelo viés das ciências biológicas, o que reforça os preconceitos e tabus envoltos ao tema. Parte disso acontece devido ao despreparo dos profissionais para lidar com o assunto, pois eles também não foram educados quanto a essa questão em sua infância e juventude.

Em consonância a esse pensamento, Figueiró (2009b) ressalta a importância do educador, antes de preparar aulas sobre sexualidade a seus alunos, buscar um aprendizado sobre o tema, procurando refletir e desconstruir seus próprios mitos e preconceitos sexuais.

Oliveira (2009) também escreve a respeito disso, afirmando que não há professores preparados para trabalhar com esse assunto no ambiente escolar, visto que a sexualidade ainda está envolta por mitos, crenças e disciplinas sociais que censuraram essa temática em uma história recente. Assim, faz-se necessário a colaboração de outros profissionais no trabalho de educação sexual na escola.

Outro motivo para as escolas trabalharem a educação sexual somente a partir da Biologia é a cultura proveniente de um discurso médico enraizado historicamente, que procura disciplinar a sexualidade conforme seus conceitos e explicações (FOUCAULT, 1998 *apud* CARVALHO, 2009). Egypto (2003 *apud* MAISTRO, 2009) adverte que dados e informações são necessários, mas insuficientes. Além disso, deve haver o debate e a reflexão sobre o assunto.

A partir de suas práticas educacionais no campo da sexualidade, Maistro (2009) concluiu que essas práticas de nada adiantam se não forem vinculadas à realidade dos jovens. É preciso trabalhar com as reais necessidades e preocupações das crianças e adolescentes acerca da sexualidade. Ou seja, a educação sexual deve se basear na situação sociocultural do público alvo, levando em conta seus preconceitos, anseios, conhecimentos e dúvidas sobre a temática. Ainda, é importante que o educador converse em uma linguagem clara e adequada à idade das crianças e dos adolescentes.

Dessa maneira, quando o assunto é sexualidade, mais importante do que o que se fala é a maneira como se fala, pois esse ainda é um tópico que não é conversado como qualquer outro. Sendo assim, falar sobre esse tema de forma tranquila significa adotar uma postura contra os tabus que rondam a questão (SUPLICY, 1984).

A sexualidade está presente no cotidiano das pessoas diariamente, desde que nascem até morrerem. A educação a respeito do assunto é constante, seja pelos valores familiares, seja pelas informações veiculadas nos mais diversos meios de comunicação (televisão, rádio, revistas, jornais, internet). Dessa maneira, se a escola se omitir em relação a esse assunto, ela estará passando a mensagem de que esse é um tema que não cabe dentro de uma instituição escolar, como se o conhecimento sobre o que envolve a sexualidade não tivesse relação com a formação dos estudantes (MAISTRO, 2009).

Sobre isso, Figueiró (2007 *apud* MAISTRO, 2009) deixa claro: “Mas é, ainda assim, função da escola, sempre educar sexualmente, porque ela é responsável pela formação integral do escolar, e isto inclui não apenas sua formação intelectual, mas, também, sua formação moral e afetiva” (p. 27).

Atividades realizadas

O **primeiro encontro** aconteceu no dia 24/04/14 e durou uma hora. A turma estava cheia, em seu horário regular de aula, pois um professor cedeu parte de sua aula para a atividade.

Quando o encontro teve início, não se sabia se haveria um próximo ou se seria o único, pois dependeria da participação e da vontade dos estudantes em dar continuidade na atividade. Nessa oportunidade, foram tocados em diversos assuntos para observar o que chamava mais a atenção dos estudantes. De modo geral, a turma foi pega de surpresa, pois não esperava a abordagem desse tema pela psicóloga. Afinal, estava-se utilizando aquele espaço e tempo de forma incomum no cotidiano.

Pode-se resumir os tópicos tratados em quatro:

1. Dificuldade dos profissionais em falar sobre sexualidade além do viés biológico;
2. Como o tema da sexualidade foi abordado ao longo da História;
3. Como a sexualidade é vivenciada pelos homens e pelas mulheres;
4. Heteronormatividade / Preconceitos.

A receptividade foi maior do que a esperada e claramente *as* jovens foram mais participativas, demonstrando estar mais à vontade em falar sobre o assunto do que *os* jovens. Ao final da atividade, foi perguntado aos estudantes se gostariam de ter mais encontros sobre sexualidade sendo que os próximos seriam fora do horário regular de aula. Alguns disseram que não poderiam participar dependendo do dia, mas todos manifestaram querer continuar com os encontros.

Para finalizar, a psicóloga entregou uma folha de papel em branco a cada um da turma e pediu para que escrevessem temas relacionados à sexualidade que gostariam de conhecer melhor. Os temas escolhidos foram agrupados, na medida do possível, com seus afins para o melhor aproveitamento do tempo. A lista a seguir é apresentada na sequência em que esta escolha inicial de temas foi tratada ao longo dos encontros:

1. Quebra de tabus;
2. Diferenças entre sexo biológico, identidade sexual e orientação/desejo sexual;
3. Homossexualidade;
4. Feminismo;
5. A mulher moderna;
7. Métodos contraceptivos.

O **segundo encontro** aconteceu dia 08/05/14, após o término das aulas, e durou uma hora e meia. Compareceram cerca de 65% dos alunos, quantidade considerável já que a presença de muitos indica que optaram por adiar bastante a sua chegada em casa, tendo em vista a rara circulação de ônibus. De início, foi exposto com mais tempo o motivo de estar tratando do tema sexualidade, ressaltando a importância da educação sexual desde a infância e a sua carência tanto no ambiente familiar quanto na própria escola, onde a abordagem exclusivamente biológica da sexualidade mantém-se predominante. Além disso, foi explicado que a turma foi escolhida por estar em seu último ano na escola.

Diversos temas tabus foram tratados neste encontro, conforme o combinado na primeira conversa. Tabu, neste caso, refere-se a temas da sexualidade que são evitados por vergonha

e constrangimento, mas que carecem de esclarecimento, como masturbação, sexo por prazer, vergonha de falar ou pedir auxílio sobre o tema, entre outros. No tópico referente à dificuldade em pedir ajuda, foi comentado sobre ejaculação precoce, disfunção erétil, vaginismo, dispareunia e o exame da próstata. Foi um dos assuntos que mais chamaram a atenção dos estudantes neste dia de atividade, pois pouco conheciam a respeito dessas disfunções sexuais.

Houve grande participação e envolvimento nas discussões. Os estudantes comentaram sobre situações já vivenciadas, reportagens e um livro sobre a temática da sexualidade. De modo geral, foi enfatizado nas falas o preconceito como fonte da dificuldade para haver diálogo e esclarecimento das dúvidas. Ao fim, os estudantes elencaram mais três temas para serem trabalhados que surgiram como curiosidade neste segundo encontro: orgasmo feminino, produtos de sex shop e kama sutra.

O **terceiro encontro** aconteceu no dia 03/06/14 e durou 50 minutos. Houve um período de quase um mês entre o segundo e o terceiro encontro, pois a atividade foi adiada duas vezes: uma a pedido dos alunos, pois teriam prova e entrega de trabalho no dia seguinte, e outra devido a uma aula extra que eles tiveram e foi marcada para o mesmo dia do encontro. Com a dificuldade de marcar outra data, foi pedido para uma professora ceder parte de sua aula para a realização deste encontro, assim, a maior parte dos estudantes estava presente.

Ouvindo sobre a preparação dos encontros, o técnico em assuntos educacionais do IFSC – SMO se interessou pelo trabalho que estava sendo feito e se dispôs a colaborar nas atividades. Assim, a partir deste encontro, esse profissional começou a participar das atividades com os estudantes.

Os temas deste dia foram apresentados e debatidos: os conceitos de sexo biológico, identidade sexual e orientação/desejo sexual e homossexualidade. Mais uma vez, os alunos demonstraram muito interesse, mantendo-se atentos ao que era apresentado e participando bastante. Em suas falas, ficaram evidentes as críticas à sociedade atual em aceitar a homossexualidade, especialmente na família. Alguns estudantes relataram casos de homofobia, enquanto outros manifestaram que a cada geração o preconceito diminui. Ao fim, foram elencados os tópicos do próximo encontro.

O **quarto encontro** aconteceu no dia 26/06/14, durou uma hora e quinze minutos e contou com sete participantes. Contribuíram para o reduzido número de participantes a forte e prolongada chuva e o horário fora do período normal de aulas, fazendo com que muitos optassem por ir logo para casa.

As temáticas abordadas neste dia foram feminismo, mulher moderna e orgasmo feminino. O grupo acompanhou atentamente a apresentação dos temas e suas falas focaram principalmente em torno das desigualdades de gênero históricas e atuais, e a importância do diálogo sobre sexo para o casal. Finalizou-se, mais uma vez, com a citação dos tópicos do próximo e último encontro.

O **quinto encontro** aconteceu no dia 03/07/14 e durou uma hora e quinze minutos. Mais uma vez fora do horário convencional, contou-se com um número de alunos reduzido: oito. Os temas para este diálogo foram métodos contraceptivos, produtos de sex shop e kama sutra.

Foi enfatizado pelos coordenadores a importância do acompanhamento ginecológico ao melhor procedimento contraceptivo específico, o que se tornou evidente pela grande

variedade de opções da atualidade. Alguns produtos de sex shop foram apresentados em slides e comentados, e foi informado que o kama sutra é um livro que não trata apenas de posições sexuais, mas que está dividido em três partes, cada qual apresentando atitudes para se alcançar uma vida plena de felicidade e amor. Mais uma vez, os estudantes foram bem participativos e aproveitaram para tirar suas dúvidas sobre métodos contraceptivos.

Resultados da experiência

Ao longo dos encontros, os estudantes foram ouvidos sobre vários aspectos do projeto, dando dimensões à sua viabilidade, necessidade, assertividade e possíveis melhorias. Principalmente ao fim das atividades, procurou-se registrar, por meio das observações e das opiniões dos próprios estudantes, o saldo dos encontros para que fosse possível ter clareza, particularmente, quanto aos seguintes aspectos:

1. Diferenças dos gêneros no modo e intensidade de participar dos diálogos.
2. O nível de aprovação da turma em relação aos encontros.
3. Os temas que mais marcaram os estudantes.
4. Dos temas tratados, quais os estudantes teriam demanda por maior aprofundamento.
5. Quais as mudanças em seus modos de ver a sexualidade.
6. E, finalmente, quais suas sugestões para futuros encontros, se fosse o caso.

A participação dos estudantes oscilou ao longo do semestre, com maior número na metade do semestre (até o início de junho) do que no final, bem como mais estudantes quando os encontros ocorreram em horário normal de aula (1º e 3º encontros) do que nos horários extracurriculares (2º, 4º e 5º encontros). Justamente por estes motivos combinados (além da carência crônica de horários de ônibus e eventual chuva torrencial), os últimos dois encontros foram preteridos pelo retorno para casa. Como será possível ver adiante, a adequação dos horários para os encontros se tornou o requerimento principal dos alunos para os profissionais.

Por outro lado, tornou-se unânime a aprovação dos estudantes com relação aos encontros. Todos gostaram da proposta e afirmaram que a sexualidade é um tema que deve estar presente na escola, por sua importância ao longo da vida e por causa das dúvidas e questões que os jovens em geral carregam. Alguns apontaram que, quando o tema é tratado na escola, dentro do que seria a abordagem tradicional ou, podemos dizer, comum, bate e rebate nos mesmos temas seguindo basicamente o mesmo roteiro.

Quando abordados sobre quais temas mais lhes chamaram a atenção, esse valor ficou bastante distribuído entre os tópicos. Isso pode ter ocorrido por terem sido os próprios alunos a escolher os temas. É mais fácil indicar os títulos que foram *menos* citados pelos estudantes, listados a seguir, na ordem em que foram apresentados nos encontros:

1. Como o tema da sexualidade foi abordado ao longo da História;
2. Homossexualidade;
3. Métodos contraceptivos.

Bastante diferente foram os resultados quando foram questionados a respeito dos temas sobre os quais gostariam de saber mais. Os destaques são citados a seguir, na ordem em que foram tratados:

1. Como a sexualidade é vivenciada pelos homens e pelas mulheres;
2. Orgasmo feminino;
3. Produtos de sex shop e Kama Sutra.

As questões anteriormente comentadas repercutiram no que mudou na visão do estudante sobre o tema sexualidade. Quando foram perguntados sobre isso, boa parte concordou com as seguintes afirmações:

1. Houve maior conhecimento, dúvidas haviam sido tiradas;
2. Mudança no senso de “normalidade” (redução de preconceitos, “mente mais aberta”);
3. Tratamento do tema com mais naturalidade e perceber que não há motivo para ter vergonha de falar sobre o assunto.

Outros comentários, feitos em quantidade menor ou mesmo por somente um estudante, foram assim registrados: “Entendi algo que acontecia comigo”; “Mudei conceitos desse tema”; “Obtive maior autoconhecimento”; “Senti segurança para tomar decisões sobre sexualidade”; “Percebi o quanto a sociedade ainda precisa mudar”.

Finalmente, quando inquiridos a respeito de suas sugestões para a melhoria das atividades realizadas, foi bastante evidente nas manifestações três aspectos:

1. A demanda por um horário mais acessível (no caso, requerendo que os encontros ocorressem no horário de aula normal, pois fora dele se tornava difícil participar);
2. Continuar como está (sobre o modo como os temas foram abordados e a interação com o grupo);
3. Pedidos de mais materiais, principalmente vídeos, sobre sexualidade.

Houve outras solicitações que foram levantadas, cada qual, por um estudante, demonstrando a peculiaridade da demanda, tais quais: “Mais curiosidades, menos conteúdo”; “Mais dinâmica”; “Maior número de encontros”; “Tratar dos temas de modo mais direto”; “Fazer perguntas para os alunos refletirem”; “Maior variedade de temas” (este último comentário foi comum a dois estudantes).

Desde o início dos trabalhos, uma linha de desenvolvimento foi estabelecida: dar prioridade às questões levantadas pelos próprios estudantes. Tal postura refletiu-se no modo como os temas foram recebidos pelos alunos, chamando a atenção para demandas do universo juvenil, mas de modo a ampliar a visão de conjunto, trazendo elementos não cogitados pelos proponentes.

Algumas das atitudes tomadas pelos profissionais que coordenaram as atividades, listadas a seguir em ordem de desenvolvimento, demonstram este entendimento:

1. **Demanda:** Conversas com professores e estudantes para identificar as demandas específicas;
2. **Temas:** Escolha dos temas realizada pelos próprios estudantes;
3. **Pesquisas:** Dados, fontes e fatos para alargar parâmetros de condutas sexuais;
4. **Diálogo:** Manutenção de um ambiente de diálogo ao longo de todos os encontros;
5. **Críticas:** Liberdade de opinião e crítica dos alunos durante os debates.

Esse foco de trabalho, combinando o momento dos estudantes (horizonte imediato) com a visão abrangente da sexualidade (horizonte mediato), os incentivou a pensar a complexidade de um relacionamento afetivo-sexual maduro e o planejamento no que tange a importância de desenvolver desinibição, diálogo, apoio e confiança em um casal ao longo do tempo. Ou seja, em vez de se estabelecer uma dinâmica do tipo “estudantes perguntam e profissionais respondem”, o diálogo trouxe elementos para os impelir na busca de suas próprias respostas. Para alguns, foi o momento de entender que até mesmo este tema, entre tantos outros, pode e merece ser investigado e que o conhecimento muda o modo como se vê a si mesmo e ao mundo.

Ainda que a realização do presente trabalho tenha encontrado espaço e tempo para acontecer, é necessário registrar as carências e limitações que a temática sexualidade encontra ainda nos dias de hoje na escola. A atividade foi colocada em movimento em tempos e espaços disponíveis, não necessariamente os melhores ou prioritários, ainda que a instituição ofereça boas condições de trabalho, ensino e aprendizagem. O principal desafio foi lidar com os horários em que os encontros ocorriam fora do tempo escolar regular. Isso dificultou ou impediu a participação continuada dos estudantes. Sendo que o empreendimento é algo novo na rotina da escola, está ainda passando pela experimentação e avaliação para demonstrar sua viabilidade e eficiência.

Foi verificada a necessidade dos estudantes em ter informação somada com a oportunidade de conversar sobre sexualidade com seriedade. Ficou evidente que há muita informação repetida, influenciada pela convivência e a sorte de ter tido ou não oportunidade de se deparar com este ou aquele tema, esta ou aquela abordagem, em algum grupo social (família, amigos, escolas, igrejas, centros comunitários, etc.). Os temas e as abordagens relativas às doenças sexualmente transmissíveis e à prevenção da gravidez foram citados como sendo repetitivos. Porém, a abordagem que lhes foi oferecida trouxe elementos novos para o grupo, por exemplo, quanto à gama de métodos contraceptivos e a ênfase na importância da orientação e acompanhamento ginecológico.

Por exemplo, de modo geral, detinham conhecimento sobre a camisinha, mas pouca ou nenhuma informação sobre outros métodos. Isso é preocupante, visto que os alunos atendidos, em sua maioria, têm 17 ou 18 anos, aptos a ter relações sexuais, porém possivelmente sem saber definir a melhor opção para o seu caso e do(a) parceiro(a).

Sendo a informação disponível de modo tão acessível, por qual motivo ainda estes jovens apresentam carência de informações desse tipo? Mesmo com a disponibilidade de publicações e todo o ciberespaço, a informação não se organiza a si mesma e nem ela própria define sua utilidade. O pensador ou a pensadora é quem trata a informação e tira dela significado e serviço.

Todos os elementos avaliados devem ainda passar por outras investigações. Esta foi uma turma de alunos, em um dos cursos da instituição, dentre outras especificidades geográficas, econômicas e culturais. É intento dos profissionais que realizaram os encontros promover atividades similares junto a outros grupos para apreender os perfis gerais, pelo menos, deste local.

Em outros aspectos, os comportamentos de gênero foram mais típicos. Embora ocorresse igualmente a formação de grupos de estudantes em que alguns assuntos eram acompanhados de cochichos e risos, as moças participaram em maior número e explicitaram mais suas dúvidas, enquanto os rapazes tinham dificuldade de expor suas questões e até mesmo de se expressar seriamente sobre sexualidade. Pode-se notar que a turma se apresentou desde o início compondo pequenos grupos de afinidade, dentro dos quais as informações lançadas passavam por algum tipo de processamento, recontagem ou comparação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percorrida a trajetória inicialmente planejada, vislumbrou-se sua potencialidade por meio da satisfação relatada pelo público-alvo. Muitos se posicionaram dizendo que o trabalho que estava sendo feito deveria ser mantido do mesmo modo. Evidentemente, a ideia é aperfeiçoar e estender, na medida do possível, este serviço educacional, tendo em vista que o próprio projeto realizado é um sistema ou modalidade de aprendizado tanto para estudantes quanto para educadores (no caso, os profissionais que coordenaram as atividades).

No sentido do aperfeiçoamento, a maior parte dos estudantes apontou o horário escolar regular como fator básico para poder garantir sua participação em todos os encontros. Entende-se que a partir desta primeira experiência e seus resultados, foram adquiridos dados, experiência e fundamentação consistente para angariar tempo dentro da rotina escolar nos próximos períodos letivos.

Além do horário, ao indicarem a necessidade de mais materiais (vídeos, particularmente), pode-se avaliar, além do elemento audiovisual, a necessidade de encontros mais dinâmicos e estimulantes, contando também com jogos, atividades interativas, tarefas de criação, entre outros. Estes componentes se tornam mais importantes ao se considerar que cada jovem se envolve e aprende por seus próprios meios (habilidades, inteligências), tendências e temperamentos, particularmente considerando a importância de envolver mais, de modo não invasivo, os estudantes tímidos ou simplesmente quietos.

Os demais tópicos elencados pelos estudantes serão ponderados para o aprimoramento do processo de ensino-aprendizagem. Ainda assim, voltando a tratar do que os estudantes perceberam mudar em sua própria visão de mundo sobre a sexualidade por meio dos encontros, observou-se que quase todos se referiam ao aumento de conhecimento, à mudança de conceitos quanto ao que é considerado normal e, assim, percebendo também que não há motivos para se ter vergonha sobre algo que é natural à condição humana.

Estas respostas indicam que foi possível proporcionar aos estudantes justamente o que se almejou: o desenvolvimento de visão de conjunto sobre a sexualidade, contando com mais variáveis para avaliar a sua particularidade dentro de um mundo de particularidades, umas mais, outras menos comuns. Nesse processo de pensar e repensar a respeito da sexualidade, os jovens foram estimulados a refletir sobre a complexidade do ser humano, auxiliando-os na superação de estereótipos simplistas e preconceituosos e contribuindo para sua educação integral.

Observou-se também que, nos encontros com maior número de participantes, as atividades atingiram mais pessoas, de outra parte, nas oportunidades em que as conversas foram com grupos menores, além de se conseguir avançar sobre mais assuntos, a reflexão e o debate sobre cada ponto foram melhor desenvolvidos. Há que se ponderar, então, quanto ao modo que os grupos são constituídos e se é possível encontrar um modelo que atenda a um número significativo de estudantes e, concomitantemente, otimize o aproveitamento dos debates e a participação de todos.

Para este programa, foi escolhida uma turma que já apresentava demandas sobre o tema sexualidade, mas outras em mesmas condições foram preteridas, pois aquela avançava em seu último ano de estudos na escola. Considera-se, entretanto, que em um projeto permanente ou de longa duração, é preferível optar por turmas em uma fase inicial para que seja possível acompanhar seu desenvolvimento, bem como proporcionar este aprendizado e espaço para reflexão mais cedo no curso da adolescência.

Assim, entende-se que os trabalhos educacionais em sexualidade devem ser contínuos, coordenados e avaliados, visto que orientam e esclarecem os estudantes em relação a um assunto que é pouco abordado de modo claro, direto e sem preconceitos, além de ser um tema de extrema importância para os adolescentes, em decorrência das vicissitudes da própria fase da vida que atravessam.

A demanda costuma ser sinalizada para os profissionais que estão mais em contato com os jovens. Os professores têm, então, posição estratégica dentro do ciclo formativo, ainda que, muitas vezes, atuem somente como intermediários no encaminhamento do auxílio. Fica claro que os profissionais da Educação ainda carecem de subsídios para abordar a temática de modo seguro e consistente. Eventualmente, ocorre de um professor dedicar suas aulas, por iniciativa própria, à temática, mas a ação coletiva planejada é mais exigente, pois pressupõe a coordenação de visões de mundo e de escola, além de tempo. Muito do que foi conversado com os estudantes poderia ser atendido em algumas aulas e unidades curriculares, mas, sem uma cultura e um projeto que adote formalmente o tratamento da sexualidade e temas relacionados, não há dispositivo para providenciar o atendimento a estas demandas emergentes dos adolescentes.

A atenção pontual, descontinuada e, conseqüentemente, sem acompanhamento, é muito limitada, como, por exemplo, quando é realizada simplesmente uma palestra com um especialista na área. A escola, por suas características e finalidades, tem condições, embora geralmente ainda não coordenadas, para implementar um sistema de ensino-aprendizagem inteligente, atualizado e dinâmico, sem deixar de contar com profissionais e instituições parceiros.

Aliás, o intercâmbio de profissionais de diferentes áreas e históricos formativos, como foi o caso deste trabalho, se estabeleceu de modo muito positivo. Unindo os conhecimentos dos dois profissionais em exercício de contínua complementaridade e respeito profissional, assentados no objetivo comum, aplicaram-se no atendimento às demandas dos estudantes, exercício este que, por suas exigências práticas e teóricas, os enriqueceram ainda mais em conhecimento e metodologia.

Tal postura era traduzida na interação durante os encontros, quando os estudantes perceberam, de sua parte, que não se tratava de 'aula' no sentido de 'transmissão', mas encontro autêntico, onde o centro da atividade era a interação. Por não haver respostas pré-estabelecidas a serem ditadas, os estudantes perceberam que suas opiniões tinham peso para mudar o curso dos debates e temas. A vontade de participar, desse modo, foi estimulada. Os encontros não foram como palestras ou meras explanações, embora houvesse sempre a necessidade de se dar informações para iniciar as conversas.

Notou-se, entretanto, a falta de temas que seriam importantes, embora não selecionados pelos alunos. Após uma avaliação sobre essa questão, entendeu-se que alguns temas podem ser tratados para acrescentar aquilo que não tenha ocorrido aos jovens no momento da decisão. Por exemplo, amor (e paixão) e planejamento familiar são dois temas que não foram citados pelos alunos, mas que consideramos bastante pertinentes.

Tem-se clareza de que o tema sexualidade é um dentre uma diversidade de assuntos que mereceriam atenção e dedicação dos profissionais da educação para aquilo que se pode chamar de educação para vida ou educação integral. Assuntos como organização financeira, relações interpessoais, os demais temas transversais presentes nos Parâmetros Curriculares Nacionais, entre outros, são muito importantes na vida das pessoas, independentemente de profissão, família, cidade ou renda. São muitas as instituições com profissionais qualificados e com ricas experiências de vida, mas que não compartilham conhecimentos práticos e úteis para os mais jovens e, em geral, menos experientes, limitando os saberes ao cumprimento de unidades curriculares rígidas. Essa forma de instituição educacional caracteriza desperdício de oportunidades em uma sociedade onde o conhecimento adquire, cada vez mais, reconhecimento como fator organizacional e produtivo central.

A experiência na realização dos encontros sobre sexualidade com estudantes do IFSC – SMO e o que ela proporcionou incentivou os profissionais participantes a mudar a forma de pensar, tanto pela experimentação quanto pela pesquisa, no exercício e construção de espaço-tempo para diálogo, ouvindo pontos de vistas diferentes, aprendendo coisas novas, repensando, reconstruindo. Por meio de depoimentos, opiniões e reações, os estudantes se tornam professores e, dessa forma, a escola reensina e reeduca seus educadores. Estes, conscientizados, retribuem reformando e reorganizando a escola.

REFERÊNCIAS

ADOLESCENCIA – Portal Vivendo a Adolescência. Desenvolvido por Reprolatina – Soluções em Saúde Sexual e Reprodutiva. **Fase da vida? Faixa etária? Construção social? Afinal, o que é adolescência?** [s.d.] Disponível em: <<http://www.adolescencia.org.br/site-pt-br/adolescencia>>. Acesso em: 14 jul. 2014.

BERTHOUD, Cristiana Mercadante Esper. Visitando a fase adolescente. In: CERVENY, Ceneide Maria de Oliveira; BERTHOUD, Cristiana Mercadante Esper. **Visitando a família ao longo do ciclo vital**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007. p. 59-84.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Orientação Sexual**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CARVALHO, Fabiana Aparecida de. Que saberes sobre sexualidade são esses que (não) dizemos dentro da escola? In: FIGUEIRÓ, M. N. D. (Org.). **Educação Sexual: em busca de mudanças**. Londrina: UEL, 2009. p. 1-17.

COSTA, Moacir. **Sexualidade na adolescência: dilemas e crescimento**. Porto Alegre: L&PM Editores, 1997.

FIGUEIRÓ, May Neide Damico. Sexualidade e afetividade: implicações no processo de formação eu educando. In: FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. (Org.). **Educação Sexual: em busca de mudanças**. Londrina: UEL, 2009a. p. 187-208.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. Apresentação. In: FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. (Org.). **Educação Sexual: múltiplos temas, compromissos comuns**. Londrina: UEL, 2009b. p. ix-xi.

MAISTRO, Virginia Iara de Andrade. Desafios para a elaboração de projetos de educação sexual na escola. In: FIGUEIRÓ, M. N. D. (Org.). **Educação Sexual: em busca de mudanças**. Londrina: UEL, 2009. p. 35-62.

OLIVEIRA, Vera Lucia Bahl de. Sexualidade no contexto contemporâneo: um desafio aos educadores. In: FIGUEIRÓ, M. N. D. (Org.). **Educação Sexual: múltiplos temas, compromissos comuns**. Londrina: UEL, 2009. p. 173-189.

SUPLICY, Marta. **Conversando sobre sexo**. São Paulo: [s.n.], 1984.

SUPLICY, Marta. Educação e orientação sexual. In: RIBEIRO, Marcos. (Org.). **Educação sexual: novas idéias, novas conquistas**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993. p. 21-36.

